



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

JOANITA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO FERNANDES

**ANÁLISE DE INFLUÊNCIAS DO PORTUGUÊS (L1) E DO INGLÊS (L2) NA
APRENDIZAGEM DO FRANCÊS COMO TERCEIRA LÍNGUA (L3)**

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

JOANITA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO FERNANDES

**ANÁLISE DE INFLUÊNCIAS DO PORTUGUÊS (L1) E DO INGLÊS (L2) NA
APRENDIZAGEM DO FRANCÊS COMO TERCEIRA LÍNGUA (L3)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Trabalho Acadêmico Orientado como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa, na Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363a Fernandes, Joanita da Conceição Monteiro
Análise de influências do português (L1) e do inglês (L2) na
aprendizagem do francês como terceira língua (L3) [manuscrito] /
Joanita da Conceição Monteiro Fernandes. - 2016.
40 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha,
Departamento de Letras e Artes".

1. Língua estrangeira. 2. Língua materna. 3. Segunda
língua. 4. Terceira língua. 5. Aprendizagem. I. Título.
21. ed. CDD 370.152 3

JOANITA DA CONCEIÇÃO FERNANDES

ANÁLISE DE INFLUÊNCIAS DO PORTUGUÊS(L1) E DO INGLÊS NA
APRENDIZAGEM DO FRANCÊS COMO TERCEIRA LÍNGUA(L3)

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
disciplina Trabalho Acadêmico Orientado como
requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura
em Letras - Habitação em Língua Inglesa, na
universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado (a) em: 27/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha - 8,5
Prof. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

Técio Oliveira Macedo 8,5
Prof. Me. Técio Oliveira Macedo
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

Karyne Soares Duarte Silveira 8,5
Prof. Me Karyne Soares Duarte Silveira
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Axel e meu sobrinho Edward, em nome dos bons momentos que passamos juntos no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores da graduação, nomeadamente ao meu ex-orientador Felipe Santos dos Reis, ao meu orientador Thiago Almeida, a minha amiga Armiliana Soares e aos meus colegas de curso.

Agradeço também à minha família, principalmente aos meus queridos pais João Baptista e Maria Dos Reis Fernandes, aos meus irmãos Luís Jorge, Maniza Sofia, José David, Alcindo João, José Luís, Carlos Alberto e ao meu tio Faustino Jovito. A lista familiar seria interminável, pois, nessa vida, nada conseguimos sozinhos, e felizes daqueles que possuem uma família unida, como a nossa. Obrigada, família!

RESUMO

A Primeira Língua (L1) e a Segunda Língua (L2) possuem um papel significativo na aprendizagem de uma Terceira Língua (L3). O objetivo deste trabalho foi analisar as influências que podem ocorrer da L1 e da L2 na aprendizagem da L3. Esta pesquisa foi conduzida no contexto de três turmas de francês como língua estrangeira em uma escola de idiomas da cidade de Campina Grande – PB. Para coleta dos dados usamos de um questionário estruturado, no qual 34 alunos respondiam a questionamentos sobre aspectos e/ou fatores da L1 (português) e da L2 (inglês), que influenciavam no processo de aprendizagem da L3 (francês). Os resultados apontam haver influências da L1 na L3, bem como da L2 na L3, durante o processo de aprendizagem da L3. A influência da L1 na L3 nesta pesquisa mostrou-se mais relevante. Apesar dos resultados apontarem influência das L1 e L2 na L3, mais estudos devem ser realizadas e com metodologia melhor estruturada para que se possa confirmar tais resultados e identificar quais fatores estão diretamente associados a esse processo.

Palavras-Chave: Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Língua Materna. Segunda Língua. Terceira Língua. Influências.

ABSTRACT

First Language (L1) and Second Language (L2) play a significant role at learning a Third Language (L3). This work aims at analysing the way in which influences occur, since the learning process of (L2) and (L3) does not happen in a similar way (the influence of L1 on L2 does not correspond to the influence of L2 on L3). This research was developed in the context of three groups of French learners (three classrooms) studying French as a Foreign Language in a language school, in Campina Grande, PB. We applied a Questionnaire in order to collect data, in which 34 learners answered questions about aspects/factor of their L1 (Portuguese) and their L2 (English), which bore influence with the L3 (French) learning process. The results demonstrate that there are influences of L1 on L3, as well as of L2 on L3, during the L3 learning process. The influence of L1 on L3 has shown itself more relevant in this research. Although the results point at influence of L1 and L2 on L3, further studies are needed with better structured methodologies so that those results can be confirmed and we can identify which factors are directly connected to that process.

Keywords: Foreign Language Learning. Mother Language. Second Language. Third Language. Influences.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Semelhanças lexicais entre as línguas latinas	22
Quadro 2 - Vocabulário Francês.....	23
Quadro 3 - Influência do francês em vocábulos do inglês	23
Quadro 4 - Palavras francesas usadas no inglês	25

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Você possui uma segunda língua; se sim, qual?	27
Gráfico 2 - Você fala francês o tempo todo na aula?	28
Gráfico 3 - Você acha o francês semelhante à sua língua nativa?.....	28
Gráfico 4 - Se você tem uma L2, que tipo de semelhanças você acha que ela tem com o francês?	29
Gráfico 5 - Quando na sala de aula no meio de uma conversação em francês lhe falte alguma palavra você faz o quê?	30
Gráfico 6 - Quando você começou a aprender ou aprendeu a sua L2?	31
Gráfico 7 - O que motiva mais você para aprender o francês?.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM e SEGUNDA LÍNGUA / LÍNGUA ESTRANGEIRA	11
4	FATORES QUE INFLUENCIAM NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA	14
2.1	A IDADE	15
2.2	A MOTIVAÇÃO	15
5	COMO ATUAM AS LÍNGUAS FONTES NA APRENDIZAGEM DE UMA L3	17
2.3	O PAPEL DA L2 NA L3	20
6	AS LÍNGUAS LATINAS (O PORTUGUÊS E O FRANCÊS) E A GERMÂNICA (O INGLÊS)	22
6.1	O PORTUGUÊS E O FRANCÊS	22
6.1	O FRANCÊS E O INGLÊS	23
7	METODOLOGIA	25
8	RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	37

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia existem várias formas de se aprender um idioma estrangeiro. O avanço tecnológico fez emergir uma ampla possibilidade de meios que podem ser usados por aprendizes com vista à aprendizagem de uma segunda língua (doravante L2), a exemplo de aplicativos no celular, cursos grátis em vídeos na internet, redes sociais cujos membros auxiliam uns aos outros no processo de aprendizagem, além das escolas de idiomas, cujas origens remontam ao século XVII com o ensino do latim. Percebemos cada vez mais que as pessoas possuem maior interesse em aprender mais de um idioma. Muitas vezes, aprendizes terminam um curso de uma dada L2 e logo pensam em iniciar outro, e assim sucessivamente. Outras pessoas se matriculam em dois cursos simultaneamente. Esse interesse justifica-se, talvez, pela pressão do mercado de trabalho atual, que está mais exigente em questão de conhecimentos linguísticos, e talvez seja essa a razão que leva os pais a colocarem seus filhos cada vez mais cedo em escolas de idioma.

Segundo Leung (2005 *apud* BARDEL, 2006) enquanto se está aprendendo uma terceira língua (L3), é possível existir transferências da gramática tanto da língua materna (L1) quanto da L2. Especificamente, quando um nativo da língua portuguesa encontra-se num processo de aprendizagem da língua francesa a semelhança gramatical e lexical entre as duas línguas pode levar à confusão ou empréstimo de expressões da primeira língua para substituir outras da segunda. Isso se justifica pela origem latina das duas línguas LYONS(1987). Ademais, LE BRETON (2004) reconhece a existência de empréstimos da língua francesa na língua inglesa.

Outra preocupação é relativa a algumas crenças ou fatores relacionadas à aprendizagem de línguas estrangeiras como a questão da idade. Segundo Cenoz (2003), a idade não representa um fator negativo na aquisição de um idioma, embora reconheça que quanto mais cedo o aprendiz inicia os seus estudos, mais vantagens ele terá em relação à proficiência da língua, o que não significa, no entanto, que pelo fato de começar a estudar a língua estrangeira precocemente, o aprendiz terá mais facilidade em adquiri-la. Na verdade, é o tempo de exposição à língua estrangeira que vai ajudá-lo a se aproximar da fluência. Além do fator *idade*, outros fatores estão implicados no processo da aprendizagem de uma terceira língua, a saber: as semelhanças e as diferenças lexicais e gramaticais entre a L1, a L2 e a L3; o tempo de exposição à L3; a motivação para aprender uma L3; e a importância da posição geográfica entre os países.

Com o intuito de avaliar as influências das línguas 1 e 2 na aprendizagem da L3, o foco deste estudo recaiu sobre as influências do português (L1) e do inglês (L2) na aprendizagem do Francês como (L3). Para tal, fez-se necessário uma explicação teórica junto com a aplicação de um questionário aos alunos, a fim de atestar a presença das influências e determinar quais delas seriam predominantes.

O motivo impulsionador pela escolha do tema emergiu durante observações feitas em sala de aula do curso de francês ao precebemos que o francês (L3) não era o único idioma que se fazia presente na produção dos aprendizes, mas também o português (L1) e o inglês (L2).

Antes de entrarmos na seção destinada à fundamentação teórica propriamente dita, apresentamos uma explanação acerca de alguns termos que podem suscitar dificuldade de interpretação, uma vez que são palavras usadas muitas vezes com o mesmo significado.

2 AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM e SEGUNDA LÍNGUA / LÍNGUA ESTRANGEIRA

Julgamos necessário iniciarmos este trabalho esclarecendo o motivo pelo qual alguns termos foram escolhidos para serem usados em nossa discussão em detrimento de outros, para que não haja quaisquer dificuldades de compreensão ao longo da pesquisa.

Primeiramente, notamos que as palavras *aquisição* e *aprendizagem* possuem definições que podem até induzir ao erro: por exemplo, alguns dicionários os trazem como sendo sinônimos, e alguns autores as diferenciam. Segundo Del Ré (2010, p. 118), *aquisição* e *aprendizagem* não são sinônimos, são duas situações opostas no modelo do monitor de Krashen: “ a distinção entre *aquisição* e *aprendizado*: *aquisição* é um processo que ocorre no nível do subconsciente, funcionado por força da necessidade de comunicação vital; *aprendizagem* significa saber as regras, ter consciência delas, poder falar sobre elas, portanto um esforço consciente”. Lyons (1987, p. 187), por sua vez, levanta a seguinte questão:

Por que muitos psicólogos e linguistas hoje em dia preferem falar da aquisição e não do aprendizado da linguagem? O motivo é simplesmente o fato de ‘aquisição’ ser neutro em relação a algumas implicações que se tornaram associadas ao termo ‘aprendizado’ em psicologia. Existem aqueles que diriam que, embora ‘aquisição’ seja mais neutro do que ‘aprendizado’ nos aspectos relevantes, ainda assim induz ao erro, na medida em que implica vir a ter algo que não se tinha antes.

Como é possível observar, mesmo que para alguns seja mais fácil adotar a palavra *aquisição*, em vez de *aprendizagem*, pelo motivo de que *aprendizagem* possui alguma

complexidade em sua definição, outros pensam que o termo *aquisição* pode conduzir ao erro. Segundo o autor, *adquirir* implica um processo em que se obtém algo que não se tinha antes, então uma língua estrangeira não poderia ser adquirida, tendo em vista a presença da língua materna.

Não obstante, Lyons (1987) define a aquisição e a aprendizagem de forma prudente, e, na tentativa de seguir o mesmo caminho, decidimos adotar o termo *aprendizagem* em vez de aquisição, visto que este estudo aborda o processo de aprendizagem ocorrido dentro de uma sala de aula. Isso, no entanto, não significa que a expressão *aquisição* não seja apropriada ao contexto de sala de aula: consideramos que tanto *aquisição* como *aprendizagem* significam algo que não se tinha antes, algo que se quer alcançar, e é exatamente esse um dos princípios que fazem parte de um contexto institucional.

Percebemos também que as expressões *segunda língua* e *língua estrangeira* também necessitam ser clarificadas no que se refere ao termo escolhido neste estudo. Leffa (1998, p.3) faz a distinção entre ambas:

Temos o estudo de uma segunda língua no caso em que a língua estudada é usada fora da sala de aula da comunidade em que vive o aluno (exemplo: situação do aluno brasileiro que foi estudar francês na França). Temos língua estrangeira quando a comunidade não usa a língua estudada na sala de aula (exemplo: situação do aluno que estuda inglês no Brasil).

Del Ré (2005) desconsiderou essas diferenças e usou o termo *segunda língua* (L2) na sua obra. Assim como Del Ré (2005), decidimos fazer uso do termo *segunda língua* (L2).

Tendo sido expostos os termos que poderiam suscitar alguma dificuldade em relação à clareza do texto, segue uma breve seção referente ao contexto em que a pesquisa aqui descrita foi realizada, i.e., a sala de aula. Buscamos conhecer melhor esse ambiente em que ocorre o aprendizado de línguas estrangeiras.

3 A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA SALA DE AULA

Como mencionado anteriormente, podemos aprender uma segunda língua de diversas formas e em contextos diferentes: em viagens, nas redes sociais, em casa, em escolas de idiomas, etc. O contexto investigado neste trabalho diz respeito justamente à sala de aula de uma escola de idiomas. Segundo Cicurel (2002, p. 6):

Aprender uma língua no seio de um grupo quer dizer que estamos envolvidos no diálogo entre os membros do grupo e que existe uma exposição discursiva plural: exposição aos dizeres do professor, reencontro com os textos, com vestígios escritos, mas também escuta dos dizeres dos outros aprendizes (tradução nossa)¹.

Como é possível perceber, aprender uma língua em uma sala de aula envolve um conjunto de falas: tudo o que se escuta ou que se lê pode ser aproveitado, desde a explicação do professor aos textos lidos. Pode-se afirmar, então, que o aprendizado de uma segunda língua em um contexto acadêmico é a soma de tudo o que se escuta dentro da sala de aula. Ainda segundo Cicurel (2002, p. 2):

Nos anos 60-70, as classes se tornam, em certos contextos, lugares de realização de novas metodologias, supostamente eficientes. Foi introduzido nos Estados Unidos o método áudio-lingual e na França os métodos estruturo-global audiovisual, métodos que procuram desenvolver em prioridade as competências orais. A sala de aula se torna então um lugar de atualização de uma metodologia dominante. Os ‘momentos da sala’ dos métodos audiovisuais constituem etapas obrigatórias (tradução nossa)².

Foi a partir dessa época que começou a surgir uma preocupação com a comunicação na sala de aula, já que o método audiolingual foca na comunicação e o método estruturo-global audiovisual consiste em estimular o diálogo e a audição dos aprendizes da língua estrangeira trabalhando com temas do cotidiano. Segundo Coste (2002, p. 9), existem dois tipos de sala de aula, quais sejam:

Não é preciso enfatizar a diversidade das condições empíricas de funcionamento. Existe sala de aula e sala de aula. O número de alunos, o equipamento ou a ausência dele, o espaço disponível e o seu planejamento, os recursos acessíveis, a atmosfera de som ambiente ou interno à sala de aula, etc.: tantos fatores que intervêm na natureza, na quantidade e na qualidade das atividades possíveis (tradução nossa)³.

O autor se refere à distância que existe entre “as salas de aula de luxo” e “as salas de aula pouco equipadas”. Mais precisamente, as salas de aula que o autor considera de luxo são

¹ «Apprendre une langue au sein d'un groupe veut dire que l'on est engagé dans le dialogue entre les membres du groupe et qu'il y a exposition discursive plurielle : exposition aux dires du professeur, rencontre avec des textes, avec des traces écrites, mais aussi écoute des dires des autres apprenants» (CICUREL, 2002, p. 6).

² «Dans les années 60-70, les classes deviennent, dans certains contextes, des lieux de réalisation de méthodologies nouvelles, supposées performantes. On a introduit aux États-Unis la méthode audio-linguale et en France les méthodes structuro-globales audiovisuelles, méthodes qui veulent développer en priorité les compétences orales: la classe devient alors un lieu d'actualisation d'une méthodologie dominante. Les 'moments de la classe' des méthodes audiovisuelles constituent des étapes obligées (CICUREL, 2002, p. 2).

³ «Il n'est guère besoin de marquer la diversité des conditions empiriques de fonctionnement. Il y a classe et classe. Le nombre d'élèves, l'équipement ou l'absence d'équipement, l'espace disponible et son aménagement, les ressources accessibles, l'atmosphère sonore ambiante ou interne à la classe, etc. : autant de facteurs qui interviennent dans la nature, la quantité et la qualité des activités possibles » (COSTE, 2009, p. 9).

aquelas com um número reduzido de alunos e bastante equipadas, ao passo que as outras são muitas vezes pouco preparadas para acolher o número considerável de alunos, além de não serem preparadas com materiais pedagógicos necessários, de modo que muitas vezes o professor é tido como a única “ferramenta” para o aprendizado do aluno. Outro fator relevante são as formas de ensino, como observa Coste (2000, p. 9):

As modalidades de ensino das línguas são cada vez mais diversificadas: ensino precoce, ensino bilíngue, recursos e suportes multimídias, cursos de idiomas no estrangeiro e intercâmbios escolares. O percurso de aprendizagem dos aprendizes com as rupturas de continuidade de que eles fazem parte, contato com várias línguas diferentes, consideradas ou não estas línguas na classe trabalhadora, são afetados pela pluralidade de abordagens que eles emprestam (tradução nossa)⁴.

Como é possível observar, de acordo com Coste (2000) apesar de ainda ter um papel relevante em uma sala de aula quando se aprende uma língua estrangeira, o professor não é mais visto como o único meio para alcançar o aprendizado, devido à constante modernização dos métodos, das ferramentas usadas em muitas salas de aula. O aluno parece não querer mais se limitar ao que se passa dentro desse ambiente institucional, já que ele pode encontrar formas diversificadas de aprendizagem, como viagens, redes sociais, aplicativos e outros.

Da mesma forma que se faz necessário um ambiente devidamente preparado para um bom aprendizado, é relevante mencionar outros fatores que também são essenciais para que haja um ambiente propício à aprendizagem de L2, tais como a interferência da idade, a motivação e outros. A seção seguinte trata de uma interpretação teórica sobre a ação de dois fatores amplamente considerados quando se está aprendendo um idioma.

4 FATORES QUE INFLUENCIAM NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

São apresentados nesta seção dois fatores, tais como discutidos na literatura em aquisição de L2, capazes de influenciar a aprendizagem de L3, quais sejam: a idade e a motivação.

⁴ «Les modalités d'enseignement des langues elles-mêmes sont de plus en plus diversifiées : enseignement précoce, enseignement bilingue, recours aux supports multimédias, séjours linguistiques à l'étranger et pédagogie des échanges. Les parcours d'apprentissage des apprenants avec les ruptures de continuité qu'ils comportent, les contacts avec plusieurs langues différentes, les prises en compte ou non de ces langues dans le travail des classes, sont affectés par la pluralité des approches auxquelles ils se prêtent» (COSTE, 2009, p. 9).

2.1 A IDADE

Em estudos efetuados por Krashen *et al.* (1979, 1982 apud NIKOSKA-LAZAROVA, 2004, p. 3), estabelecem uma distinção entre alguns fatores como o ritmo e o tempo de estudo, e encontraram os seguintes resultados:

1. os adultos nos estados iniciais progredem com mais facilidade do que as crianças nos ramos da sintaxe e da morfologia (duração e tipo de exposição constante)
2. As crianças mais velhas progredem mais rápido que as crianças mais jovens, sobretudo nos estados iniciais da aquisição da sintaxe e da morfologia (duração e tipo de exposição constante).
3. Segundo (KRASHEN; LONG; SCARCELLA, 1982, p.161). Geralmente, os aprendizes expostos à L2 durante a infância atingem um nível melhor de competência do que aqueles que iniciaram no estado adulto.

E ainda em Lenneberg (apud BARBOSA, 2012) a idade interfere na capacidade inata quando se aprende uma língua estrangeira, no sentido em que, quanto mais cedo se aprende melhor será o desempenho, isto é, para o autor mais os anos vão avançando, mais difícil se torna para que o indivíduo aprende a língua estrangeira. E segundo Scovel (1988, apud SINGLETON, 2003) é difícil para um aprendiz com mais de 12 anos de idade conseguir a fluência parecida com a de um nativo.

E ainda em estudos descritos por CENOZ (2003) os pesquisadores citados comprovam que os aprendizes mais velhos possuem mais vantagens que os aprendizes mais novos.

Com a dimensão planetária da Língua Inglesa, percebe-se que nos dias atuais a preocupação em muitos países é colocar o inglês desde muito cedo nas escolas, já que alguns estudos defendem a importância da criança aprender um idioma desde cedo. Segundo Cenoz e Lindsay (1994 *apud* CENOZ, 1997) alguns países europeus introduziram o inglês logo na maternal ou na escola primária para que, dessa forma, a aprendizagem da língua fosse facilitada.

Sob o mesmo ponto de vista de que a idade pode ser concebida por alguns autores como um ponto indispensável para aprender um idioma, a motivação também é tida como um fator relevante, e, por isso, julgamos ser fundamental adicionar a esta seção uma breve reflexão sobre o que motiva o aluno a ingressar em um curso de língua estrangeira.

2.2 A MOTIVAÇÃO

Como discutido anteriormente, para aprender uma língua estrangeira em um ambiente acadêmico, faz-se necessário um conjunto de fatores, e um deles é a motivação. Segundo Ellis (1984 *apud* ISHIKAWA, 2009, p. 52) “a motivação é um fator determinante no desenvolvimento dos saberes de uma Segunda Língua ou uma Língua Estrangeira.”

A motivação é vista como determinante no nível cognitivo, na medida em que auxilia na implementação de estratégias de aprendizagem. Semelhantemente, Ishikawa (2002, p. 50) afirma:

Na aquisição de uma língua estrangeira, a motivação é uma condição necessária, mas não suficiente para iniciar o processo de aprendizagem, a vontade, a multideterminação de aprender a língua estrangeira. É a reunião desses 3 fatores-competência linguística, motivação e exposição a língua alvo-que permite desencadear o processo de aprendizagem. (tradução nossa).⁵

Assim, para o autor, mesmo que a motivação seja relevante quando se está aprendendo uma língua que não seja a nativa, é fundamental que se reúnam mais dois fatores que são a competência linguística e exposição à língua-alvo. Somente com o conjunto desses três fatores, é possível estimular um aprendiz.

Segundo Raby (2008 *apud* ISHIKAWA, 2002) aprender uma língua em um meio institucional pode estar ligado a um mecanismo responsável por condutas direcionadas à aprendizagem: por exemplo, a conversação na sala de aula, que vai fazer com que o aprendiz retribua efetuando as tarefas exigidas pelo professor, o que ajudará o aprendiz a interagir com os colegas usando os dispositivos pedagógicos na sala de aula, tais como dicionários, quadros, CD-ROM, etc. Em outras palavras, para que o aluno responda positivamente ao estímulo proposto dentro de uma sala de aula de língua estrangeira, é necessário que ele esteja motivado para tal; caso contrário, ele não poderá responder positivamente ao que lhe é pedido, bloqueando, assim, o seu aprendizado, uma vez que a interação não será estimulada.

Depois de demonstrar, nas seções anteriores, o ambiente em que ocorre o aprendizado, e de que forma os fatores *idade* e *motivação* podem nele interferir, buscamos explicar na seção seguinte como as línguas que já possuímos interferem no processo de aprendizagem de uma nova língua, i.e., de uma L3, com base na questão da transferência linguística.

⁵ *Dans l'acquisition d'une langue étrangère, la motivation est une condition nécessaire mais non suffisante à la mise en route du processus acquisitionnel. L'envie, multi-déterminée, d'apprendre la langue étrangère doit aussi s'accompagner de l'exposition à la langue cible du sujet doté de la compétence langagière. C'est la réunion de ces trois facteurs – compétence langagière, motivation, exposition à la langue cible – Ishikawa (2002, p. 50)*

5 COMO ATUAM AS LÍNGUAS FONTES NA APRENDIZAGEM DE UMA L3

Antes de abordar de que forma as línguas fontes atuam no aprendizado da L3, convém definir a *influência translinguística*, que é exatamente o que chamamos de transferência linguística de uma língua para a outra.

Definir essa expressão não é simples, porque ela traz significados diferentes desde o século XIX. Segundo Sossouvi (2014, p.155): “translínquística ou transferência pode ser definida como um fenômeno linguístico que consiste em usar em uma língua elementos pertencentes à(s) outra(s) língua(s), nomeadamente da L1, ou de uma outra língua do repertório linguístico do aprendiz”. Isto é, o aprendiz faz uso do conhecimento linguístico que já possui para ajudá-lo na aprendizagem de uma língua nova segundo o autor:

de fato, todo indivíduo que aprende uma nova língua tenta ligar novas informações aos seus conhecimentos pré-adquiridos, para facilitar o processo de aquisição e de comunicação. Essa estratégia de aprendizagem ou de comunicação consiste em aproveitar o seu repertório plurilíngue ajudando na insuficiência linguística e até cultural da língua alvo (SOSSOUVI, 2014,P.11), tradução nossa.⁶

Isto é, toda a informação linguística que o aprendiz já possui, vai ajudá-lo na aprendizagem de uma nova língua, uma vez que ele pode aproveitar todo o conhecimento para suprir a sua carência linguística da língua-alvo.

E segundo (Lotto & De Groot, 1998, *apud* MUÑOZ, 2006) os vocábulos que têm a mesma origem vão ser aprendidas mais facilmente do que as de origem diferente, ou seja as palavras semelhantes entre a língua materna e as da língua alvo facilitam o aprendizado dessa.

Tendo em vista que a análise contrastiva faz referência às semelhanças e às diferenças que ocorrem entre a L1 e a L2, vinculando-as à noção de transferência, pode-se afirmar que do mesmo modo que as línguas que possuem similaridades entre si vão auxiliar e até facilitar a aprendizagem da língua não materna. As línguas que são diferentes podem dificultar o aprendizado da língua não materna. Desta forma, para Odlin (1989, p.27, *apud* SOSSOUVI, 2014, p. 155) “a transferência é a influência resultante de semelhanças e diferenças entre a

⁶ *En effet, tout individu qui apprend une nouvelle langue essaie de lier les nouvelles informations à ses connaissances préalables, en vue de se faciliter le processus d’acquisition et de communication. Cette stratégie d’apprentissage ou de communication, qui consiste à mettre à profit son répertoire plurilingue. (SOUSOUVI, 2004,p. 11)*

língua-alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente (e talvez de forma imperfeita) adquirida”⁷. Ainda segundo Sossouvi (2014, p.155):

na análise contrastiva podemos distinguir 2 tipos de transferência, a positiva e a negativa, a primeira é a que facilita a aprendizagem e se produz nos campos onde as duas línguas são similares. A transferência negativa ou interferência consiste em utilizar traços fonéticos, morfológicos, sintáticos ou lexicais próprios da L1 que podem induzir ao erro na língua alvo (SOSSOUVI, 2014, p.155, tradução nossa).⁸

Ainda de acordo com Sossouvi (2004, p. 155):

Os processos de transferência podem abranger os níveis: fonético, lexical, semântico, morfosintático, sociocultural, sociolinguístico, pragmático, conceitual, etc., e também as competências linguísticas como a compreensão na leitura, a compreensão da audição, a expressão oral e a expressão escrita.⁹ (Tradução nossa).

Após termos exposto o conceito de translinguística, refletimos nesta seção com a seguinte pergunta: o que são línguas fontes? Segundo Linqvist (2002 *apud* BARBEL, 2006), as línguas fontes são todas as que o indivíduo já adquiriu quando ele vai aprender uma nova. De acordo com algumas pesquisas realizadas, demonstram que “uma ou várias línguas conhecidas pelo aprendiz a L1 e ou a L2 podem ser ativadas na produção oral no momento de uma interação da língua alvo” (GROSJEAN 2001 *apud* BARBEL, 2006, p.2).

De acordo com Trévisiol (2006, p.2) em seu estudo de Williams & Hammarberg (1998) deduziram que a L1 e a L2 possuem funções distintas no decurso da aprendizagem da L3, a L1 dispõe da função instrumental e a L2 a de fornecedor de material linguístico.” A atribuição do papel de fornecedor resultaria da interação entre 4 fatores: a competência, a tipologia, o uso recente da língua e o estatuto de L2. A língua fornecedora deverá ter todas essas condições.”

Mas os autores Williams e Hammarberg (1998) e Hammarberg (2001) mostram que:

⁷ “Transfer is the influence resulting from similarities and differences between the target language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired” Odlin (1989, p.27, *apud* SOSSOUVI, 2014, p. 155)

⁸ *L’analyse contrastive distingue le transfert positif du transfert négatif. Le premier est celui qui facilite l’apprentissage et se produit dans les champs où les deux langues sont similaires. Le transfert négatif ou interférence consiste à utiliser les traits phonétiques, morphologiques, syntactiques ou lexicaux propres à la L1 qui induisent en erreur dans la langue cible. SOSSOUVI, 2014, p.155).*

⁹ *Les processus de transfert peuvent embrasser les niveaux phonique, lexical, sémantique, morphosyntaxique, socioculturel, sociolinguistique, pragmatique, conceptuel, etc., voire les compétences linguistiques, à savoir la compréhension à la lecture, la compréhension à l’audition, l’expression orale et l’expression écrite Sossouvi (2014, p. 155)*

o aprendiz se confia mais aos seus conhecimentos de uma L2 já adquirida do que a L1 ao menos em relação as tentativas de construção de palavras e de mudanças de código que intervêm nas palavras funcionais. Consequentemente, no momento da escolha da L1 e a L2, o estatuto da L2 parece ser um fator importante. *Apud* Barbel (2006, p. 3)¹⁰, tradução nossa.

E ainda em Klein & Perdue (1992, *apud* TRÉVISIOL 2006) em relação a transferência da L1 para a L3, só é possível quando o aprendiz já possui um conhecimento considerável da L3, porque no nível iniciante o aprendiz ainda não conhece suficientemente a L3 para ligar os conhecimentos entre a L1 e a L3, ou seja quanto mais o aluno conhece a língua alvo, melhor serão as chances de existirem transferências. Segundo os autores, a transferência nos níveis iniciantes não acontece e no caso de acontecer seria muito baixa, porque o aprendiz não possui, neste nível suporte linguístico satisfatório para fazer face a esse processo.

De acordo com o que já foi aqui exposto, não se pode ignorar quando se refere a línguas fontes as semelhanças e as diferenças entre as línguas, o que Kellerman (1983 *apud* BARBEL, 2006, p. 3) denomina de “*psychotypology*” ou *psicotipologia*. Alguns estudos nessa área de conhecimento mostram que as línguas que possuem alguma semelhança são mais fáceis de influenciarem uma na outra do que as línguas que possuem menos semelhanças entre si. Odlin (1989, p. 142 *apud* SINGLETON e LAOIRE, 2006, p. 2-3) definiu *psicotipologia* dessa forma:

Quando um aprendiz se esforça para adquirir uma nova língua, a distância linguística reside, em último lugar, na percepção que existe. As pesquisas indicam que a transferência virá provavelmente do julgamento que o aprendiz faz (consciente ou inconscientemente) de uma similaridade parcial ou total entre as estruturas particulares pertencentes a uma língua adquirida anteriormente e as estruturas da língua alvo. (tradução nossa).¹¹

As transferências existem se o aprendiz decide que elas existem. Só ele quem vai decidir se existe distância linguística ou não entre as línguas fontes e a língua que ele está aprendendo. Ainda de acordo com Kellerman (1979, *apud* RAST, 2006, p. 2):

¹⁰ *Les résultats discutés dans ces études indiquent que l'apprenant se fie à ses connaissances d'une L2 déjà acquise plutôt qu'à la L1, du moins en ce qui concerne les tentatives de construction de mots et les changements de code intervenant sur des mots fonctionnels. Par conséquent, lors du choix entre la L1 et la L2, le statut de L2 semble être un facteur important (Barbel, 2006, p.3)*

¹¹ *Lorsqu'un apprenant s'efforce d'acquérir u ne nouvelle langue, la distance linguistique réside, dans la perception qu'il en a. Les recherches indiquent que toute chose étant égale par ailleurs, le transfert proviendra très probablement du jugement que l'apprenant fait (consciemment ou inconsciemment) d'une similarité partielle ou totale entre des structures particulières appartenant à une langue précédemment acquise et des structures de la langue cible, (tradução nossa).*

Todas as formas não são transferíveis e não é necessariamente a estrutura da língua que determina os limites da transferibilidade, mas sim o julgamento linguístico do aprendiz ele mesmo. É o aprendiz que avalia a distância entre a língua fonte e a língua alvo e que cria a sua própria “*psychotypology*” da proximidade entre as duas línguas. Uma forma dada da L1 pode ser tratada tanto como específica à língua, e ela não poderá ser transferível, seja como neutro, e ela é então transferível para a L2. A proximidade percebida globalmente não é então necessariamente suficiente para que uma forma possa ser transferida. KELLERMAN (1979, apud RAST, 2006, p. 2, tradução nossa):¹²

Ou seja, a psicotipologia não é a tipologia em si, mas, sim, o entendimento do aprendiz em relação à distância linguística. É o aprendiz quem decide se existe ou não a distância entre as línguas de que ele dispõe, de modo que não a língua que controla a transferibilidade. Em relação à L2 e a L3, alguns autores defendem que a L2 tem um papel relevante na aprendizagem da L3 na questão de transferência.

A subseção seguinte traz uma breve elucidação acerca do papel da L2 quando se aprende uma L3. Embora não pretendemos com isso conceder mais importância do papel da L1 na L3, buscamos esclarecer um pouco mais sobre esse processo, uma vez que é um assunto que suscita interesse recente por parte dos pesquisadores.

2.3 O PAPEL DA L2 NA L3

Apesar da subseção anterior trazer alguma informação sobre o papel da L2 na L3, achamos relevante essa rápida explanação. O estudo referente ao processo translinguístico da L2 para a L3 é muito pouco explorado, apesar de, nos últimos decênios, existir mais interesse na sua investigação. Mesmo assim, os psicólogos não conseguem chegar a um acordo sobre os procedimentos usados nesse sistema.

Hammarberg (2001, p. 23 *apud* SINGLETON e Ó LAOIRE, 2006, p. 3) cita duas explicações sobre a interferência da L2 na aprendizagem da L3, quais sejam: (1) um mecanismo de aquisição diferente para a L2 em oposição à L1 e, consequentemente, uma reativação deste mecanismo na aquisição de L3; e (2) um desejo de ocultar a L1 como sendo não estrangeira e se apoiar na L2 como estratégia de aproximação da L3¹³.

¹² Selon Kellerman (1983), toutes les formes ne sont pas transférables et ce n'est pas nécessairement la structure de la langue qui détermine les limites de transférabilité, mais plutôt le jugement linguistique de l'apprenant lui-même. C'est l'apprenant qui évalue la distance entre la langue source et la langue cible et qui crée sa propre 'psychotypologie' de la proximité entre les deux langues. Une forme donnée de la L1 peut être traitée soit comme spécifique à la langue, et elle n'est donc pas transférable, soit comme neutre, et elle est donc transférable à la L2. La proximité perçue globalement n'est donc pas nécessairement suffisante pour qu'une forme puisse être transférée. KELLERMAN (1979, apud RAST, 2006, p. 2, tradução nossa):¹²

¹³ «Un mécanisme d'acquisition différent pour les L2 par opposition aux L1 et, par conséquent, une réactivation de ce mécanisme dans l'acquisition de la L3. - Un désir d'occulter la L1 comme étant 'non étrangère' et de

Assim sendo, quando se aprende uma L3, o processo é diferente de quando se aprende a L2. Tal fato é compreensível porque o aprendiz já possui mais de um idioma para se apoiar, sobretudo no início do aprendizado. De acordo com Hufeisen (1998 *apud* BARDEL, 2006), essa vantagem que um aprendiz de L3 possui é, sobretudo, em relação às diferentes técnicas de aprendizagem que ele já adquiriu ou integrou anteriormente. Em outras palavras, enquanto o aprendiz de L2 se limita ao apoio de sua L1, o aprendiz da L3 possui muito mais experiência, visto já ter passado pelos processos de aquisição de sua L1 e também da L2. Cenoz *e al.* (2001^a, p.2 *apud* BARBEL, 2006, p. 2) esclarecem como essas inter-relações entre as línguas ocorrem:

o número de sistemas linguísticos que podem influenciar mutuamente um ao outro varia, dependendo se se trata de uma L2 ou de uma L3: os aprendizes de uma L2 possuem dois sistemas susceptíveis à influência (L1-L2). Em relação à L3, duas outras relações bidirecionais podem aparecer: de um lado, a L3 pode influenciar a L1 e sofrer as influências (L1-L3), por outro lado, influências linguísticas recíprocas podem se instalar entre a L2 e a L3 (L2-L3). O resultado de tais influências pode ser positivo ou negativo conforme as semelhanças e as diferenças entre as referidas línguas¹⁴ (CENOZ *e al.*, 2001 a, p. 2 *apud* BARDEL, 2006, p. 2, tradução nossa).

Pode-se perceber, portanto, que as línguas interferem entre si, i.e., a L1 pode interferir e sofrer interferências da L2, podendo a L2 também influenciar e ser influenciada pela L3, assim como a L1 na L3 e a L3 na L1, etc. Essas interferências podem ser negativas ou positivas, e o que vai determinar isso é a proximidade ou a distância entre as línguas.

Quanto mais distante a L1 for da L3, fica mais fácil a transferência da L2 para a L3 (WILLIAMS; HAMMARBERG, 1998; HAMMARBERG, 2001 *apud* CENOZ, 2003), ou seja, quando a língua nativa é diferente da L3, o aluno irá se apoiar com mais facilidade na L2. Os autores defendem também outro fator que afeta a transferência lexical: a proficiência na língua. Eles acreditam que quanto melhor for a proficiência na L2, a aprendizagem da L3 será muito mais favorecida. Mas, caso contrário, a baixa proficiência na L2 não vai resultar em uma boa transferência da L2 para a L3.

Após ter apresentado de que forma a L2, atua no momento da aprendizagem da L3, julgamos necessário discutir sobre as origens da L1, da L2 e da L3, no intuito de fazer uma

s'appuyer plutôt sur une L2 comme stratégie d'approche de la L3» Hammarberg (2001, p. 23 apud SINGLETON; Ó LAOIRE, 2006, p. 3)

¹⁴ «le nombre de systèmes linguistiques pouvant s'influencer mutuellement varie selon qu'il s'agit de la L2 ou de la L3 : les apprenants d'une L2 possèdent deux systèmes susceptibles de s'influencer (L1-L2). En ce qui concerne la L3, deux autres rapports bidirectionnels peuvent apparaître : d'une part, la L3 peut influencer la L1 et en subir l'influence (L1-L3), d'autre part des influences linguistiques réciproques peuvent s'instaurer entre la L2 et la L3 (L2-L3). Le résultat de telles influences peut être positif ou négatif selon les ressemblances et les différences entre les langues concernées» (CENOZ *e al.*, 2001 a, p. 2 *apud* BARDEL, 2006, p. 2)

reflexão, sobretudo, em relação às semelhanças e às diferenças gramaticais e lexicais entre elas. Acredita-se que essa relação poderá determinar a psicotipologia entre as línguas românicas, no caso, o português e o francês, e a língua germânica, i.e., o inglês.

Na seção seguinte, portanto, será abordada também a questão histórica e geográfica das três línguas envolvidas nesta investigação, já que alguns autores acreditam serem fatores que podem determinar influências e transferências entre as línguas.

6 AS LÍNGUAS LATINAS (O PORTUGUÊS E O FRANCÊS) E A GERMÂNICA (O INGLÊS)

O francês, o português, o espanhol e o italiano são línguas derivadas do latim, ao passo que o inglês é de origem anglo-saxônica LYONS (1987). Durante vários séculos, o latim foi considerado a língua da elite, usada na diplomacia, mas, no século XIX, o latim foi deixando o lugar para as línguas derivadas, como o francês, e posteriormente para o inglês, em virtude de fatores geopolíticos.

Como podemos perceber, as línguas derivadas do latim, também chamadas de línguas românicas, são naturalmente aparentadas. As similaridades entre as línguas românicas podem ser observadas em diversos níveis linguísticos: fonológico, sintático, lexical, etc. O Quadro 1 apresenta semelhanças lexicais entre o francês, o português e o romeno em relação ao tronco raiz: o latim.

Quadro 1 - Semelhanças lexicais entre as línguas latinas

Latim	Francês	Português	Romeno
Clave	Clé	Chave	Cheie
Nocte	Nuit	Noite	Noapte
Cantare	Chanter	Cantar	Cînta
Capra	Chèvre	Cabra	Capra
Lingua	Langue	Língua	Limbă
Platea	Place	Praça	Piață
Pons	Pont	Ponte	Pod
Ecclesia	Église	Igreja	Biserică
Hospitalis	Hôpital	Hospital	Spital
Caseus	Fromage	Queijo	Brînză (brânză)

Fonte: Adaptado de: http://www.axl.cefan.ulaval.ca/monde/langues_romanes.htm. Acessado em: 28 mai. 2015.

6.1 O PORTUGUÊS E O FRANCÊS

Além do francês e do português fazerem parte da mesma família linguística, o fato de que as duas línguas se encontraram em algum momento da história pode acentuar as semelhanças entre elas, já que Lyons (1987) defende que culturas que estiveram próximas,

emprestem palavras umas às outras. Convém ressaltar que os franceses chegaram ao Brasil no século XIX, o que pode explicar a influência de palavras francesas usadas no português dentro do cotidiano brasileiro. O Quadro 2 apresenta alguns vocábulos franceses usados no português em diferentes áreas:

Quadro 2 - Vocabulário Francês

ÁREA	VOCABULÁRIO FRANCÊS
Artes e Decoração	Avant-première, apothéose, ballet, crépon, crochet, composé, croquis, corbeille, doublé, guirlande, hors-concours, marchand, marionnette, matinée, maquette, mise-en-scène, passe-partout, papier mâché, reprise, tournée, tricot, troupe, vernissage, vernis.
Cores	Bordeaux, beige, carmin, changeant, dégradé, fumé, lilas, marron, ton sur ton.
Esportes	Guidon, grand-prix, pivot, raquette.
Gastronomia	À la carte, buffet, baguette, bonbonnière, canapé, croissant, croquette, champignon, champagne, chantilly, couvert, crêpe, chinês, escargot, filet, fouet, frappé, glacé, guéridon, garçon, mignon, mousse, menu, maître, omelette, pastel, purée, petit gâteau, pâté, pâtisserie, réchaud, rosé, sauté, soufflé.
Locais, móveis e objetos	Atelier, abat-jour, bouquet, bibelot, boîte, bidet, canapé, carnet, chalet, chaise longue, divan, cache-pot, crèche, guichet, garage, pince-nez, souvenir, toilette.
Moda e vestuário	Bustier, boutique, cache-col, chanel, chic, escarpin, écharpe, évasé, fecho éclair, godet, jabot, lingerie, maillot, maquillage, mousseline, nécessaire, organdi, peignoir, pochette, prêt-à-porter, plissé, rouge, robe, soutien, tailleur, taffetas.
Transportes	Bateau-mouche, chauffeur, charrette, châssis, coupé, métro.

Fonte: <http://escreverbem.com.br/o-frances-no-portugues-2/>. Acessado em: 29 abr. 2016.

6.1 O FRANCÊS E O INGLÊS

Apesar de o francês ser de origem românica, questões históricas da formação da sociedade anglo-saxônica fizeram com que ocorresse a convivência entre o inglês e o francês a partir da ocupação Normanda da Britânia, antigo nome das ilhas que hoje são chamadas de Grã-Bretanha, ocorrida durante o século IX A.D. O Quadro 3 fornece alguns exemplos da influência do francês sobre vocábulos do inglês.

Quadro 3 - Influência do francês em vocábulos do inglês

Palavras inglesas	Palavras francesas
Budget	Bougette
To carry	Charrier
Magazine	Magasin
Square	Équerre
Stencil	Étinceler
Tennis	Tenez
Ticket	Étiquette
Toast	Toast
Tunnel	Tonnelle

Fonte: http://artsites.uottawa.ca/wp-content/blogs.dir/continent/PDF.-Enseignants2.HLFR_.pdf. Acessado em: 14 fev. 2016.

De acordo com Lyons (1987, p.137), a história e a evolução da língua inglesa se dividem em três períodos, quais sejam: o Inglês Antigo (ou anglo-saxão), o Inglês Médio e o Inglês Moderno. O francês e o inglês sofreram pouca alteração na escrita, contrariamente à fonética, que sofreu muita alteração, conforme esclarece Lyons (1987, p. 136):

[N]o caso do francês, a ortografia, que ainda é baseada na pronúncia de séculos atrás, dissimula a maior parte das mudanças fonéticas e fonológicas que sofreram. Se somos alfabetizados em francês ou em inglês, teremos relativamente pouca dificuldade em ler Shakespeare ou Rosnard: no entanto, acharíamos suas obras mais ou menos incompreensíveis se as ouvíssemos como eram pronunciadas por seus autores (LYONS, 1987, p. 136).

Por isso, existem muitas palavras com a mesma escrita tanto no francês como no inglês, embora a pronúncia seja diferente.

Durante o inglês médio, ocorreu a batalha dos Hastings, durante a qual o exército Inglês foi vencido pelo exército Francês. Durante aproximadamente três séculos, a França estabeleceu as suas leis, e sua língua, i.e., de modo que o inglês e o francês conviveram juntas, até que o francês se tornou a língua oficial, a língua das oportunidades, dos tribunais. Mais exatamente, Lyons (1987, p. 137) defende que:

[...] depois da conquista Normanda em 1066, a língua das classes dominantes era o francês, tanto para a literatura quanto para a administração; e quando o inglês voltou a ser usado como língua literária, no início do século XII, ele era notadamente diferente do anglo-saxão do período anterior. Além de outros desenvolvimentos ocorridos, o que hoje chamamos de inglês médio tinha sofrido influência do francês normando e sido influenciado por essa língua tanto em vocabulário quanto em gramática (LYONS, 1987, p. 137).

O francês continuou sendo durante muito tempo a língua das pessoas cultas da Europa, posicionando-se à frente das outras línguas da mesma origem. De fato, “o inglês é uma língua composta por empréstimos do celta, do latim, do francês, do germânico para citar somente os principais” (LE BRETON, 2004, p. 3, tradução nossa)¹⁵.

Retomando a afirmação de Lyons (1987), segundo a qual culturas que se mantiveram próximas, ou que são geograficamente vizinhas, emprestam palavras umas às outras, podemos então considerar que a proximidade geográfica e a convivência cultural entre a Inglaterra e a França podem explicar as trocas entre as duas línguas, o que acabou resultando em semelhanças.

¹⁵ «*l'anglais est une langue composite regroupant des apports celtes, latins, français, germaniques pour ne citer que les principaux* » (LE BRETON, 2004, p. 3).

O Quadro 4 traz palavras francesas usadas no inglês em diferentes contextos, como o comércio, a vida familiar, o direito, a cozinha e o vocabulário geral:

Quadro 4 - Palavras francesas usadas no inglês

COMMERCE		VIE FAMILIALE	
à faire	affair	blanquette	blanket
acatour	caterer	chaiere	chair
bargaigner	to bargain	chambre	chamber
dette	debt	closet	closet
marchand	merchant	coissin	cushion
paier	to pay	cortine	curtain
patron	pattern	paneterie	pantry
prochacier	to purchase	toailler	towel

VOCABULAIRE GENERAL		DROIT	
achever	to achieve	assises	assize
cachier	to catch	escuier	squire
changier	to change	exil	exile
chois	choice	juge	judge
chenil	kennel	juridiction	jurisdiction
escorner	To scorn	mariage	marriage
forain	foreign	parlement	parliament
meschef	michief	semonce	summons

CUISINE	
boeuf	beef
bouteiller	butler
caboché	cabbage
estuver	to stew
fine fleur	flour
mincier	to mince
moustarde	mustard
toster	to toast

Fonte: <http://www.le-mot-juste-en-anglais.com/2013/09/influence-du-francais-sur-la-langue-anglaise.html>.
Acessado em: 02 fev. 2016.

Após termos exposto a fundamentação teórica, segue uma explanação metodológica com informações sobre onde ocorreu esta pesquisa, e quais foram as condições em que ela aconteceu, descrevendo o ambiente em que foi aplicado este estudo, o número de alunos, o material usado, o tipo de pesquisa adotado e ainda como aconteceu a coleta de dados.

7 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado em uma escola de idiomas da cidade de Campina Grande – PB, onde é oferecido o ensino de cinco idiomas estrangeiros, dentre os quais o Francês como Língua Estrangeira. Foi elaborado um estudo em três turmas de francês cujos alunos participantes não precisaram ser retirados de seu ambiente: a sala de aula.

Podemos considerar esta pesquisa como se tratando de um estudo de caso de natureza quali-quantitativa mesmo que o tempo da investigação não tenha passado dos seis meses. De fato, Gil (2002, p. 55) salienta que “os primeiros trabalhos qualificados como estudos de caso nas Ciências Sociais foram desenvolvidos em longos períodos de tempo. Todavia, a experiência acumulada nas últimas décadas mostra que é possível a realização de estudos de caso em períodos mais curtos”. Segundo Gil (2002, p. 42) sobre a pesquisa descritiva, “[...] uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática [...]”. Desta forma, podemos pertinentemente classificar a pesquisa aqui discutida como sendo descritiva, pois foi feita a observação das turmas, foi utilizado um questionário para a coleta de dados aplicado nas três turmas de Francês, duas iniciantes (F1), e uma turma de Francês 5, nível avançado (F5).

Observamos que, nos estágios iniciais, as interferências da L1 e da L2 no momento da aprendizagem da L3 eram mais frequentes, mas isso não significa que tal fato não ocorre nos níveis mais avançados. Por essa razão, foram escolhidas duas turmas iniciantes e uma turma mais avançada.

As duas turmas de F1 contavam com 11 alunos cada e a carga horária de dois encontros semanais de 1h15min cada, ou seja, 2h30 de aula semanal. A turma de F5 tinha 13 alunos com um encontro semanal de 2h30. Ao todo, 34 aprendizes de FLE participaram da pesquisa, com uma faixa etária entre 17 e 64 anos, vários deles sendo universitários, na medida em que havia apenas dois adolescentes, e os outros 32 aprendizes eram adultos.

O material usado na sala de aula é importado e está sob o controle da Comunidade Europeia (CE). As salas de aula são equipadas com ar condicionado e material áudio-visual. De acordo com a classificação de Coste (2002) para os tipos de salas de aula, podemos afirmar que esses alunos foram privilegiados por assistirem às aulas em salas com todos os recursos necessários, configurando-se, pois, como salas de luxo na visão de Coste (2002), já que têm um número reduzido de alunos e são devidamente equipadas com materiais didáticos e recursos pedagógicos.

Desta forma, as aulas foram observadas durante um semestre, e em nenhum momento foi avisado aos alunos que eles estavam sendo observados. Todo esse cuidado foi necessário para que o trabalho fosse realizado de forma autêntica.

No final do semestre, foi entregue um questionário (vide apêndice) aos alunos com algumas questões sobre as influências da L1 na L3, e da L2 na L3. O questionário trazia questões objetivas de múltipla escolha, sobre a idade do início da aprendizagem da língua

estrangeira, as semelhanças e as diferenças existentes entre a L1, a L2 e a L3, dentre outras questões, com o intuito de entender de que forma essas questões implicam na aprendizagem da L3.

A seção seguinte é referente à apresentação, discussão e análise dos dados obtidos por meio do questionário que foi aplicado junto aos alunos no final do semestre.

8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentadas a descrição e a análise dos dados coletados pelos questionários (Apêndice) respondidos pelos aprendizes de FLE. Serão apresentados gráficos correspondentes a algumas questões abordadas no questionário e, na análise de cada gráfico, serão discutidos alguns autores que fornecem uma contribuição teórica, para que possa ser feita uma comparação entre os resultados obtidos pelo instrumento de coleta.

O gráfico 1 mostra os dados dos alunos em relação à língua falada. Participaram desta pesquisa 34 alunos da FLE e destes a maioria apresentavam o inglês como L2 (70,58%). Já 23,52% dos aprendizes investigados possuíam outro idioma como sua L2, acreditamos que seja o espanhol. Apenas 5,90% tinham o francês com L2, ou seja a primeira língua estrangeira deles é o francês.

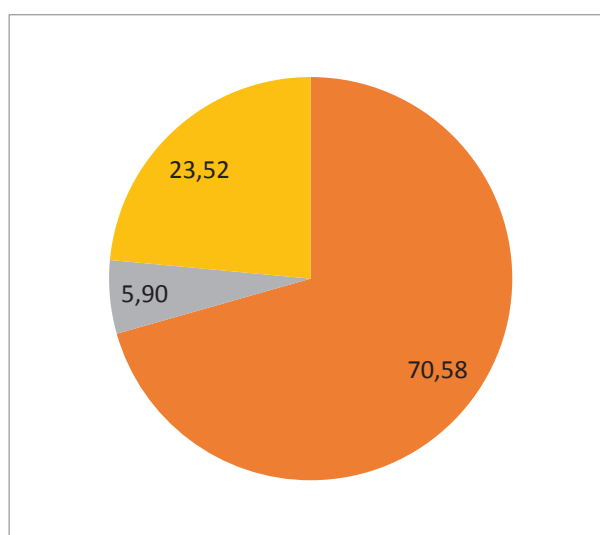


Gráfico 1 - Você possui uma segunda língua; se sim, qual?

Os resultados da questão “Você fala francês o tempo todo na aula?” apresentados no Gráfico 2 demonstram que 52,94% dos alunos usam a L3 em sala de aula de vez em quando,

41,17% afirmam usar quase sempre, ao passo que apenas 5,89 % responderam sempre. Ninguém alegou nunca ou quase nunca usar o francês em sala de aula.

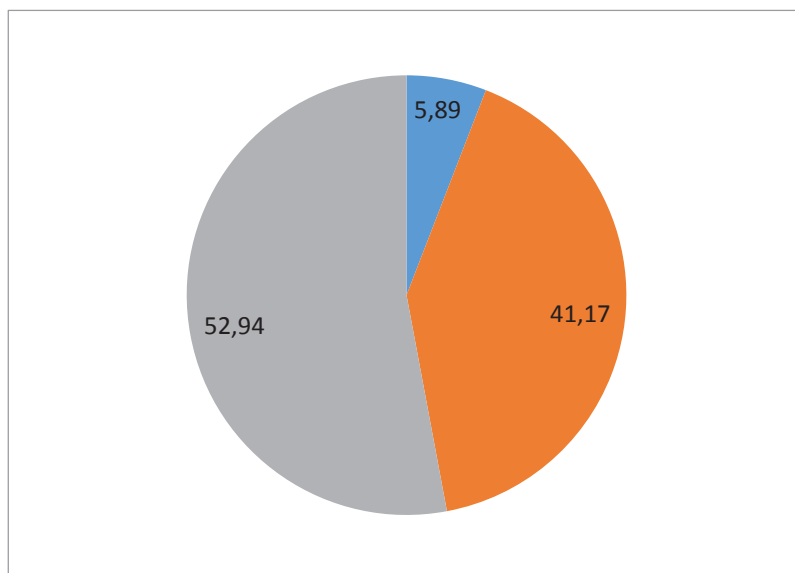


Gráfico 2 - Você fala francês o tempo todo na aula?

No Gráfico 3, referente às semelhanças entre a L1 e a L3, 61,76% dos aprendizes consideram-nas parecidas no vocabulário, 32,35% dos alunos acham o francês semelhante ao português na gramática, e apenas 5,89% não acham que haja semelhança alguma entre as duas. Corroborando com o trabalho de Lyons (1987), ao afirmar que tanto o francês como o português são de origem latina e, por isso, é normal que haja semelhanças tanto a nível gramatical como lexical.

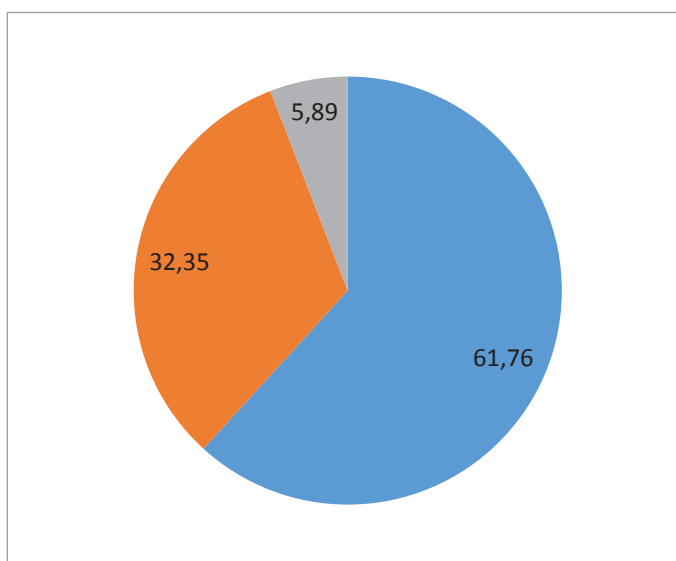


Gráfico 3 - Você acha o francês semelhante à sua língua nativa?

Com os resultados do Gráfico 4, constatamos que 58,82% dos alunos acham o vocabulário do inglês e do francês semelhante, 23,35% acreditam que a gramática das duas línguas apresenta mais semelhanças entre si, e 17,83% não encontram nenhuma semelhança entre elas. Os resultados obtidos entram em acordo com as colocações de Lyons (1987), quando o autor defende que comunidades que se encontraram culturalmente ou geograficamente, em um determinado momento, trocam palavras entre si. No caso do inglês e do francês os dois coabitaram juntos durante aproximadamente três séculos, na Inglaterra, até que o francês se tornasse a língua oficial, deixando no território grande parte do seu vocabulário. Em relação à localização dos dois países, estes se encontram próximos um do outro. Segundo Le Breton (2004), o inglês é uma língua que contém empréstimos do francês. Já Bardel (2002) acredita que, devido às diferenças que existem relacionadas à aquisição entre a LM e outras línguas (L2, L3, etc.) pode fazer pensar que existem mais semelhanças e até ligações cognitivas mais estreitas entre a L2 e L3.

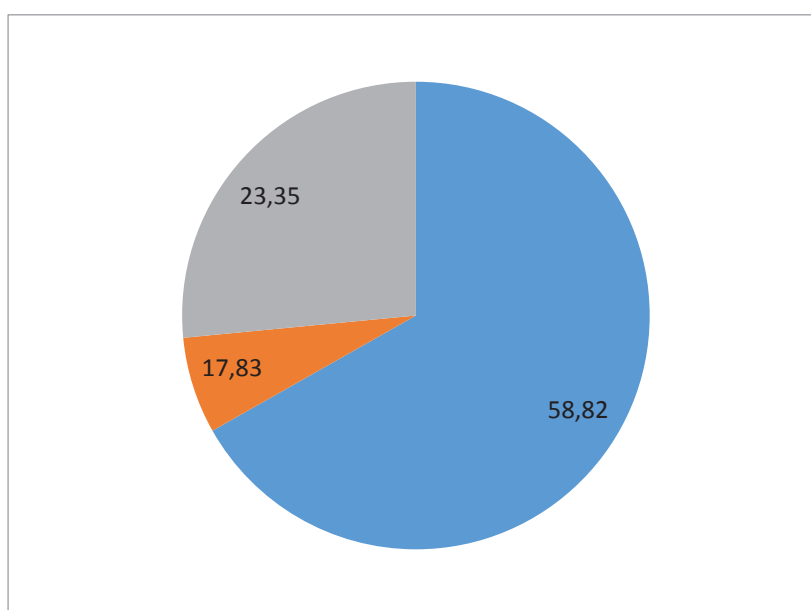


Gráfico 4 - Se você tem uma L2, que tipo de semelhanças você acha que ela tem com o francês?

O Gráfico 5 organiza as respostas à pergunta “Quando em sala de aula, no meio de uma conversação em francês, lhe falta alguma palavra, você faz o quê?”. Acreditamos que essa seja a questão mais relevante no questionário, porque ela se refere à interferência das línguas já adquiridas no momento da produção da fala em L3. A maior parte dos alunos, i.e., 76,47%, procuram apoio na L1 quando lhes falta alguma palavra durante sua produção em L3. 20,58% dos participantes se apoiam na L2, e somente 2,95% interrompem a conversação.

Esses resultados foram observados de forma similar tanto nas turmas de Francês 1, como na turma de Francês 5. Com efeito, Leung (2005, *apud* BARDEL,2002) defende que poderá ocorrer a transferência da sintaxe tanto da L1 quanto da L2 durante a aprendizagem da L3.

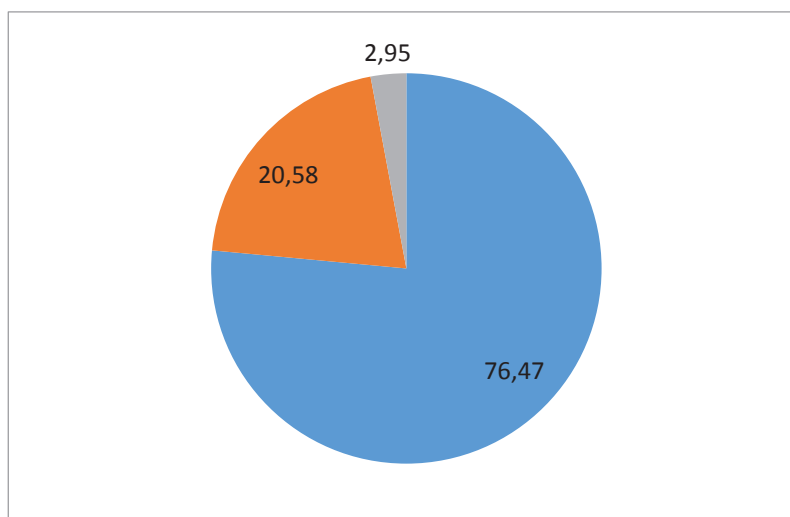


Gráfico 5 - Quando na sala de aula no meio de uma conversação em francês lhe falte alguma palavra você faz o quê?

O Gráfico 6 mostra que 54,9% dos alunos aprenderam a L2 na fase adulta, 20,58% na adolescência e 24,52% na infância. De acordo com Cenoz (2003), a idade não interfere no processo de aprendizagem, mas o que pode ser mais vantajoso é em relação ao tempo de exposição ao idioma. Caso a criança comece cedo, mais tempo ela terá de exposição ao idioma e, conseqüentemente, melhor será seu desempenho. Talvez seja uma das razões que levam os pais a colocarem seus filhos em escolas de idioma o mais cedo possível.

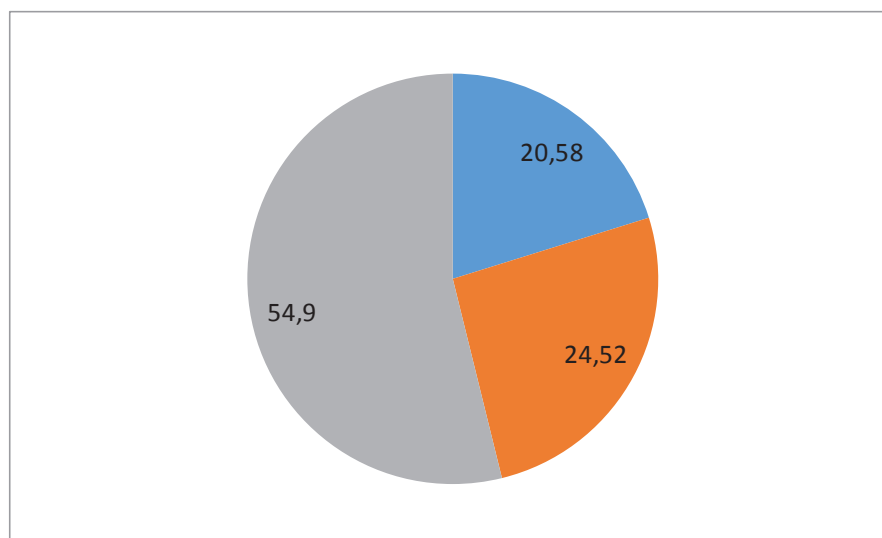


Gráfico 6 - Quando você começou a aprender ou aprendeu a sua L2?

No Gráfico 7, abordamos o fator motivação, de modo que 47,05 % dos alunos estudam o francês por gosto, 32,35% para fazer intercâmbio, 17,64% por outros motivos e 2,96% para turismo. Nenhum aprendiz respondeu que é obrigado pelos pais e talvez isso se explique pelo fato de a maioria dos alunos serem adultos.

No que concerne aos alunos que responderam estudar francês por outros motivos, como não foi questionado pensamos que seja para se submeterem a provas de proficiência, outros para lerem livros em francês, entre outros diversos motivos. Em outras palavras, cada aluno ingressou no curso com suas motivações pessoais, e, segundo Coste (2002), uma das formas de motivações que vem aumentando muitos nesses últimos tempos é o intercâmbio graças a programas oferecidos pelas universidades. De acordo com Ellis (1984, apud ISHIKAWA, 2002), o fator decisivo para que se haja crescimento nos estudos de uma segunda língua estrangeira é a motivação.

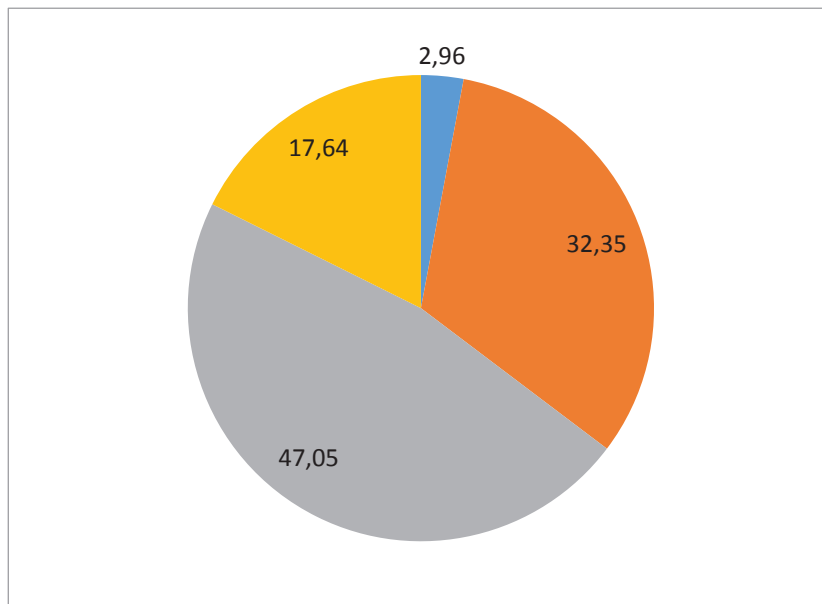


Gráfico 7 - O que motiva mais você para aprender o francês?

Na seção seguinte, apresentaremos as considerações finais, sobre o nosso estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados nesta pesquisa sobre a influência da L1 e da L2 na aprendizagem da L3, foi necessário que diversos fatores fossem abordados. Entre eles cita-se a idade, a motivação, a semelhança linguística, a aproximação geográfica entre as línguas, por acreditar que esses elementos fazem parte de um conjunto de aspectos motivadores para o aprendizado de uma L3.

Considerando os aspectos teóricos analisados, assim como o resultado dos questionários aplicados aos alunos e o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, podemos inferir uma percepção por parte dos aprendizes, quanto as inter-relações entre as línguas. Contudo é necessário salientar que não foi possível fornecermos dados sobre o desempenho oral dos aprendizes em L3, uma vez que não foi possível realizar nenhum levantamento dessa informação em razão do fator tempo.

Com os resultados dos questionários foi possível observar as influências da língua materna e da segunda língua na aprendizagem da terceira língua. Essa análise foi possível graças, sobretudo ao resultado da questão 6 do questionário: "Quando em sala de aula, no meio de uma conversação em francês, lhe falta alguma palavra, você faz o quê?" em que 34 dos alunos questionados, 26 responderam que fazem uso da L1 quando faltava-lhes algum vocábulo em francês, 7 responderam que se auxiliam no inglês, e somente 1 interrompe a conversação, assim com esses resultados podemos considerar que mesmo que o aprendiz vai buscar apoio na L1 e na L2 no momento da aprendizagem da L3, verificamos que a interferência ocorre com mais intensidade da L1 para a L3 no contexto pesquisado.

Ao iniciarmos este trabalho, acreditávamos que a interferência fosse mais influente da L2 para a L3 do que da L1 para a L3, por termos observado que muitas vezes em sala de aula de FLE, no momento de uma conversação em francês os alunos usavam palavras inglesas, para preencherem lacunas quanto a escassez de vocábulos em francês. Inicialmente não duvidamos dessa crença, pelo fato de existirem no inglês muito vocabulário do francês, então partimos do pressuposto que essa proximidade cultural e geográfica existente entre a Inglaterra e a França, pudesse explicar as transferências que deduzidas antes da aplicação dos questionários.

Por outro lado, vale destacar que esse trabalho foi realizado com 3 turmas, perfazendo um total de 34 alunos, todos tendo o português com L1 e destes 24 têm o inglês como L2. Considerando que o português se parece com o francês no campo lexical e gramatical, por

serem as duas de origem latina, acreditamos que esse aspecto pode ter sido um elemento facilitador, fazendo com que os aprendizes buscassem apoio linguístico na L1 em vez da L2.

Entretanto, vale ressaltar que se a mesma pesquisa for aplicada em um outro contexto poderá trazer resultados distintos. Por exemplo, em contextos onde existem distância linguística, quanto mais distante as línguas forem entre si, menores são as probabilidades de verificarmos interferências entre elas.

Pretendemos, com esse trabalho, contribuir de certa forma nas futuras pesquisas realizadas por alunos, professores, e/ou pesquisadores que tenham interesse pelo tema. Esperamos que este estudo suscite novas ideias para trabalhos futuros, trazendo maiores contribuições, no intuito de melhorar e /ou responder as questões aqui levantadas, pois temos consciência de que muita coisa necessita ser aperfeiçoada e acrescentada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. Fatores que influenciam no desempenho de um aprendiz de língua estrangeira. **Letrônica** v. (5), p. 142-153, 2012.

BARDEL, C. La connaissance d'une langue étrangère romane favorise-t-elle l'acquisition d'une autre langue romane ? **Acquisition et interaction en langue étrangère**. V(24) p : 149-179, 2006.

CENOZ, J. Facteurs déterminant l'acquisition d'une L3 : Age, développement cognitif et milieu. **Acquisition et interaction en langue étrangère**. V(18) p : 38-51, 2003.

CICUREL, F. La classe de langue un lieu ordinaire, une interaction complexe. **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v :(16) p : 145-164, 2002.

COSTE, D. Quelle(s) acquisition(s) dans quelle(s) classes(s) ? **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v (16) p : 3-22, 2002.

DEL RÉ, A. (org), **aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**, 2 ed, São Paulo, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** . 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

ISHIKAWA, F. Impact des motivations sur le développement de la L2 en interaction didactique. **Représentations en français langue étrangère**, v : (40) p: 49-69, 2002.

LE BRETON. **Réflexions anglophiles sur la géopolitique de l'anglais**. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-herodote-2004-4-page-11.htm>. Acessado em 07/05/2016.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

LYONS, J. **Lingua(gem) e Linguística**. Rio de Janeiro: LTC/GEN, 1987.

MUÑOZ, C. Influence translinguistique et changement de code dans la production orale d'une L4. **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v : (24) p : 75-99, 2006.

NIKOSKA-LAZAROVA, A. Différence de Rythme : l'Adulte acquiert-t-il plus rapidement que l'enfant ? **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v : (20) p:13-49, 2004.

RAST, R. Le premier contact avec une nouvelle langue étrangère : comment s'acquitter d'une tâche de compréhension ? **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v : (24) p:119-147, 2006.

SINGLETON, D e Ó LAOIRE, M. Psychotypologie et facteur L2 dans l'influence translexicale. **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v :(24) p : 101-117, 2006.

SINGLETON, D. Le facteur de l'âge dans l'acquisition d'une L2 : remarques préliminaires, **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v : (18) p: 3-15, 2003.

SOSSOUVI, F. Quelques aspects d'influence translinguistique dans la production orale d'apprenants taiwanais de FLE : l'anglais comme possible langue de référence. **Encuentro, Revista de investigación e innovación en la clase de idiomas**, v : (23) p :152-166, 2014.

TREVISIOL, P. Influence translinguistique et alternance codique en français L3. **Acquisition et interaction en langue étrangère**, v: (24) p : 13-43, 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Questionário para um trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a interferência da língua nativa e da segunda língua, na aprendizagem da terceira língua estrangeira.

1. Há quanto tempo você estuda francês?

- a) De 1 a 6 meses
- b) De 6 a 12 meses
- c) De 12 a 24 meses
- d) De 24 a 36 meses
- e) Mais de 36 meses

2. Você possui uma segunda língua; se sim, qual?

- a) Francês
- b) Inglês
- c) Outra

3. Você fala francês o tempo todo na aula?

- a) Sempre
- b) Quase sempre
- c) De vez em quando
- d) Quase nunca
- e) Nunca

4. Você acha semelhante o francês da sua língua nativa? Se sim, que tipo de semelhança?

- a) No vocabulário
- b) Na gramática
- c) Outra semelhança: _____.

5. Se você tem uma segunda língua, que tipo de semelhanças você acha que ela tem com o francês?

- a) No vocabulário
- b) Na gramática
- c) Não percebo nenhuma semelhança entre minha segunda língua e o francês.

6. Quando em sala de aula, no meio de uma conversação em francês, lhe falta alguma palavra, você faz o quê?

- a) Usa vocabulário da sua língua nativa
- b) Usa vocabulário da segunda língua
- c) Interrompe a conversação

7. Quando você começou a aprender a sua L3?

- a) Desde a infância
- b) A partir da adolescência
- c) A partir da fase adulta

8. O que motiva mais você para aprender o francês?

- a) Para turismo
- b) Para intercâmbio
- c) Por gosto
- d) Porque os seus pais obrigaram
- e) Outra razão: _____.